



LIBERDADE

INFORMATIVO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LIBERTÁRIOS IDEAL PERES-CELIP/RJ
CAIXA POSTAL 14576 - CEP 22412-970 - RIO/RJ - BRASIL

LUTA ANTICLERICAL

Não estamos aqui para cultuar tradições e saudosismos. Mas sentimos que, há tempos, um dos mais "tradicionais e pioneiros" combates do movimento libertário vem sendo, para não dizer esquecido, relegado a segundo ou terceiro plano. Falamos do anticlericalismo, da luta contra as religiões e suas instituições.

A luta anticlerical se confunde com a história do anarquismo no Brasil. Tomou impulso a partir da década de 10, quando foi fundado o jornal *A Lanterna*; sustentou-se na difícil década de 20, através das Ligas Anticlericais, e radicalizou-se na década de 30, quando o clero católico caminhava junto do fascismo e do integralismo. Nas décadas de 40 e 50, resstaram as denúncias, através da imprensa libertária, da influência e do apoio da Igreja Católica Romana às ditaduras de Franco e Salazar.

E por que, nas últimas três décadas, temos dado essa "trégua" aos nossos "antigos inimigos"? Será que passamos a priorizar outras lutas em detrimento dessa? Será que o fio dessa história foi rompido com o desaparecimento da velha geração militante e que as novas gerações nem cogitam de tal enfrentamento? Será que atenuamos nossas críticas "em respeito" à Teologia da Libertação e aos inúmeros religiosos/as que lutam e morrem na defesa do oprimido?

Nosso objetivo agora não é oferecer as respostas dessa e de outras questões mas, sim, de trazer de volta à tona este assunto, coisa que deveríamos ter feito há mais tempo.

Atualmente, existem religiões e pseudo-religiões para todos os gostos. Vemos, cotidianamente, ser vomitada sobre a sociedade toda uma gama de detritos esotéricos, que incluem duendes, fadas e, até, o "mago" Paulo Coelho. O destino de cada ser já está inexoravelmente traçado nos astros, nas cartas, nos búzios, ou em tudo aquilo que dê dinheiro e tranqüilize as almas aflitas.

Assistimos ao espantoso crescimento das seitas pentecostais, conquistando a alma e a carteira de milhões de pessoas. Simultânea à pilhagem, uma "doutrina" que mistura ambição, preconceito, intolerância, fanatismo e submissão. No mar de lama do Congresso Nacional, a bancada evangélica, "em nome de Jesus", é a mais reacionária e hipócrita.

Não esqueçamos a velha Igreja Católica Romana que, desde o início deste ano, vem nos dando motivos de sobra para que voltemos à carga. Recentemente, o Vaticano divulgou uma cartilha orientando os pais a evitarem que seus filhos assistam aulas de educação sexual nas escolas; rotulando de "imoral" o sexo antes do casamento e afirmando que a AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis devem ser enfrentadas com o celibato e a virgindade... Da Guatemala, o presidente vitalício do Vaticano, João Paulo II, declarou diante de um povo marcado pela miséria e a opressão, que a Teologia da Libertação está morta e que a Igreja deve se dedicar à sua ação evangelizadora (!!!). Do Rio de Janeiro, o cardeal Eugênio Sales apóia a repressão aos usuários de maconha da praia de Ipanema e lamenta que "a Polícia Militar, por cumprir seu dever, é ridicularizada".

Mas as instituições religiosas são, em muito, reflexos das próprias religiões. O islamismo, que relega a mulher ao "pó-de-cocô-do-cavalo-do-bandido"; o hinduísmo, um dos sustentáculos da divisão em castas da sociedade indiana, e a tradição judaico-cristã, com toda sua pesada carga de culpa, medos e autoritarismo. As religiões e suas instituições foram e continuam sendo pilares de sustentação de muito do que combatemos: Hierarquia, submissão, resignação, repressão sexual e fanatismo.

A crença em entes superiores predispõe o ser humano, desde tempos imemoriais, a aceitar com naturalidade a existência de grupos ou indivíduos pretensamente superiores.

A luta anticlerical não é coisa do passado. Motivos não nos faltam, em qualquer lugar do mundo, para que continuemos a combater as influências nocivas das Igrejas, do clero e das doutrinas religiosas sobre a humanidade.

Nem Deus, Nem Pátria, Nem Patrão!!



nas bocas

"Para ser tolerante, é preciso fixar os limites do intolerável."

Umberto Eco

LIBERAÇÃO

Há incontáveis milhares de anos, a humanidade convive com a maconha. Desde então, a *canabis* tem estado presente em festas, cerimônias religiosas ou leigas e nas farmacopéias das mais diversas culturas, constituindo um significativo exemplo de bem-sucedida interação do homem com o meio ambiente. Contudo, o advento do capitalismo interromperia esse idílio, em decorrência não só da indústria de fibras artificiais, mas da emergência de práticas médico-sociais disciplinadoras cujo objetivo tem sido subjugar o corpo às necessidades da produção de mais-valia.

Neste sentido e não por acaso, a atitude do governo dos EUA foi paradigmática. Além de criminalizar o uso da maconha, fomentou a ignorância em torno desse vegetal e das substâncias dele derivadas, culminando, em 1939, com a sua proibição. Hoje, quase 60 anos depois, é visível o fracasso que resultou da política de repressão ao consumo de drogas.

As metas supostamente perseguidas (erradicar ou diminuir o tráfico e o consumo, mediante a proibição) não foram alcançadas. A droga se converteu em uma mercadoria cara, em virtude da elevada margem de lucros necessária para compensar os riscos. Isto favoreceu o aparecimento do crime organizado, poderosas máfias com um poder econômico descomunal, contribuindo para ocasionar ou agravar a marginalização social de boa parte dos consumidores que não têm recursos para adquirir a droga.

A criminalização da maconha tem servido de catalisador para inumeráveis sofrimentos humanos, cujos beneficiários e responsáveis não correm o menor risco de punição. Os malefícios da política repressiva sobre a população trabalhadora, em geral, e sobre os consumidores de maconha, em particular, são evidentes. No entanto, pesquisas realizadas por organizações governamentais da Inglaterra, Índia, Canadá, EUA, Jamaica e Costa Rica têm repetidamente concluído que:

- a) o consumo de maconha não é prejudicial para os seres humanos;
- b) o consumo de maconha não é prejudicial para a sociedade;
- c) as medidas de repressão não se justificam;
- d) a proibição cria os problemas em vez de solucioná-los.

A tão propalada proteção à saúde, alegada em defesa da proibição, ignora que, em se tratando de pessoas adultas, não há proteção efetiva sem o consentimento dos interessados. Além disso, a proibição impede o controle

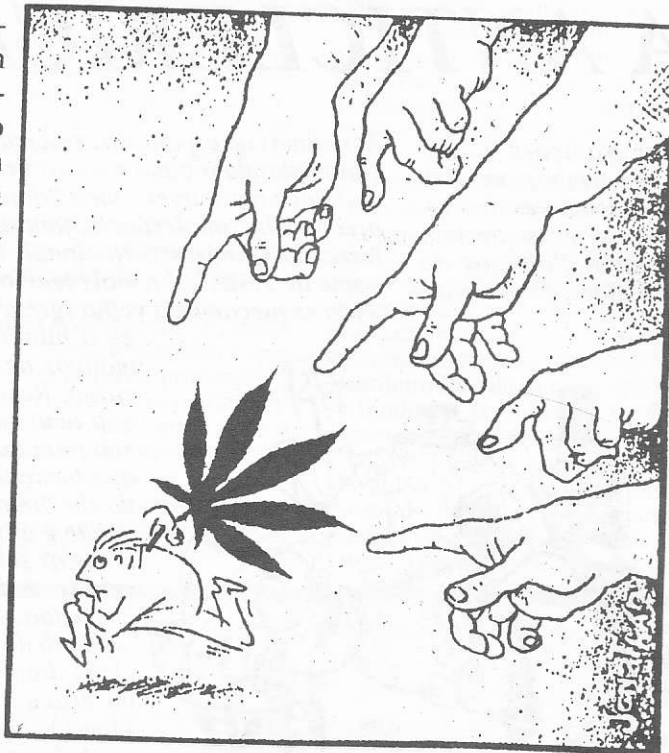
sobre a produção e a venda, permitindo o rebaixamento da qualidade e a falsificação, que resultam em danos para a saúde do tipo AIDS, hepatite-B e outras moléstias. A política repressiva, ao cercear o desenvolvimento de atitudes vitais baseadas na autonomia e na responsabilidade pessoal, tende a incentivar o consumo entre os jovens, a quem costumam seduzir os comportamentos tidos como de rebeldia e transgressão.

A descriminalização/legalização do consumo da maconha está na ordem do dia. Uma vez que se despenalize a autoprodução para o consumo pessoal, imediatamente ocorrerá uma drástica redução do tráfico ilegal, pois a lucratividade cairá.

Além disso, há que salientar a quase nula toxicidade da *cana-bis*, além de suas peculiaridades farmacológicas e neurológicas, estas relacionadas com o neurotransmissor Anandamida, que fazem de sua utilização um potente recurso contra inúmeras doenças. Enfim, não se conhece um só caso de morte em consequência de seu uso ou abuso (não existe dose letal).

Diante do exposto, já é mais do que hora de acabar com a hipocrisia moralista que dá cobertura ideológica ao furor repressivo. Parafraseando Thomas Szaz, podemos dizer que ingerir uma substância proibida é um crime, a não ser que um médico a recomende; então, passa a ser um tratamento... Não há substâncias controladas, o que há são pessoas controladas.

MACONHA SONORA - O som da moda do verão carioca foi o de centenas de apitos. No posto 9, trecho da praia de Ipanema, e no Baixo Gávea, local noturno de encontro de jovens, um grupo denominado Coletivo de Anarquistas organizou um interessante exercício de desobediência civil e confrontação às autoridades. Foram distribuídos apitos aos frequentadores para que, à chegada da polícia, alertassem os usuários da erva. A mídia deu grande destaque aos apitaços e as autoridades, vendo-se desmoralizadas, deram a resposta tradicional, ou seja, a repressão. Os apitos foram elevados à categoria de entorpecentes e sofreram apreensões. Membros do Coletivo de Anarquistas (grupo formado por jovens que fazem ou fizeram a Somaterapia de Roberto Freire) foram detidos, autuados e serão processados por incitação ao uso de drogas.



OS ATENEUS LIBERTÁRIOS:

Um espaço de liberdade

Os primeiros ateneus surgiram na Grécia antiga, relacionados aos templos da deusa Atenas. Mais tarde, passariam a ser locais de reuniões científicas e literárias.

Os ateneus adquiriram importância no final do século XVIII; como centros culturais que disseminavam uma ideologia progressista. No século XIX, com o movimento operário, os ateneus apresentaram um novo sentido: difundir a cultura entre o proletariado. Estes ateneus operários rapidamente adquiriram personalidade própria dentro do movimento anarquista. Se o sindicato era o instrumento de luta dos trabalhadores, o ateneu era o lugar onde se capacitavam intelectualmente para transformar a sociedade capitalista.

Os ateneus libertários foram locais de relaxamento para os trabalhadores, após a jornada de labor, e centro de expansão de uma nova cultura, alheia à que era oferecida pelo Estado. Sua missão era formar uma nova mentalidade, destinada a substituir os valores tradicionais da ordem social burguesa e sua divisão em classes sociais. Eram, por conseguinte, focos desde os quais se expandiam os valores defendidos pelo anarquismo. Rechaçavam a sociedade autoritária e apresentavam uma nova alternativa, baseada no apoio mútuo e na ética da responsabilidade pessoal.

O Ateneu de Mérida (Espanha)

“Queremos criar nossa própria convivência sem hierarquias, em um espaço onde o coletivo seja prazeroso e potencializador do individual; onde cada qual se expresse e atue, segundo seu critério; onde a síntese das vontades vá construindo um mundo mais pleno de vida natural, de vida em liberdade e de vida igualitária.

Acreditamos não existir uma só cultura, entendemos que há diversas culturas e, portanto, não nos elevamos, tampouco nos rebaixamos, ante as várias culturas que pululam no meio desta humanidade que se empenha em escapar do que é monolítico e uniforme. Queremos, com nossa cultura, repudiar todas as academias do saber instaladas no sistema capitalista, reapropriar todo o saber, humano e técnico, que sempre nos foi usurpado por aqueles ‘sábios’, que, longe de pretenderem a emancipação cultural da humanidade, só buscam o benefício próprio.

Queremos uma cultura aberta a todos/as, sem necessidade de subvenções concedidas pelos que mandam, mas com o objetivo de ir aprendendo a caminhar em busca da auto-organização e da autogestão social, da tomada de decisões em assembleia (assembleia que substitui a organização hierárquica e que é o único órgão decisório). Destacamos a necessidade de compartilhar coisas e vivências, porque isto fará com que o coletivo seja muito mais satisfatório para nossas próprias individualidades do que a cultura competitiva e isoladora em que somos obrigados a viver.

Queremos uma cultura solidária e humana que aproxime e acolha todos aqueles que consideram a liberdade e a justiça como elemento essencial do cotidiano, sem a necessidade de religiões que nos vendam a felicidade após a morte, sem a necessidade de intelectuais e líderes que nos digam que caminho devemos seguir a cada momento. Nós mesmos sabemos que caminho irá nos trazer mais felicidade. Sabemos que, com a autoridade, seja qual for sua forma, somente seguiríamos o caminho da submissão e do engano.

No ateneu, todos somos igualmente ingovernáveis: tomamos nossas decisões em assembleias. Na assembleia, cada qual representa a si mesmo, independente de qualquer condição. Nossa dinâmica assembleária contempla o respeito às opiniões minoritárias ou pessoais, na busca de acordos que tentem, sempre que possível, chegar à unanimidade baseada no diálogo.

O ateneu fomentará a criação de coletivos, atividades, oficinas, iniciativas de diversas índoles, mas sempre com uma dinâmica antiautoritária e livre. Cada coletivo terá autonomia plena para realizar suas atividades dentro do ateneu.

O ateneu, portanto, se organiza através dos próprios ateneístas, que são seus sócios, ou cooperantes, ou como queiramos chamar. Estabelecida uma cota mensal voluntária mínima, cada pessoa determina o valor que pode assumir.

Repelimos os cargos e as decisões verticais. Serão eleitas duas pessoas encarregadas da administração. Suas funções: levar a cabo a contabilidade, cobrar as cotas, pagar o aluguel, etc... Tudo deve ser feito com transparência, sendo que as contas devem ser publicadas mensalmente para a comprovação de qualquer ateneísta. As demais responsabilidades irão sendo assumidas, conforme se apresente a necessidade, mas sempre tendo em conta que qualquer pessoa nomeada para alguma responsabilidade pode ter seu cargo revogado pela Assembleia Geral. Toda responsabilidade deve ser compartilhada. A rotatividade das funções é necessária para que todos experimentemos as dificuldades da gestão. Que ninguém seja imprescindível e todos sejam necessários!

Devemos combater a burocratização, tendo como objetivo a atuação baseada na responsabilidade e no apoio mútuo, compreendendo que a busca da emancipação começa pelo indivíduo e que, se aprendermos a atuar sobre nós mesmos, já estaremos mudando o nosso meio.”



NOTA: Texto extraído da revista *La Sumbela* (nº 21, primavera/95), da Associação Pedagógica Paidéia (Apartado 133; 06800 Mérida; Espanha), traduzido e adaptado pelo Coletivo de Tradução do CELIP. O endereço do Ateneo Libertário de Mérida é: Travessia de Concordia, 17; 06800 Mérida; Espanha.

Assinatura semestral de apoio (RS 7,00); pacote de 10 Liberas (RS 2,00); adesivo contra a pena de morte (RS 1,00); revista *Utopia*, nº 4 e 5 (RS 2,00 - cada); livros (solicite tabela).

Depósitos: Bradesco - Ag. 0026-4 - c/c: 240.765-5 - a/c Renato Ramos. Envie comprovante de depósito para o CELIP (também aceitamos selos, dinheiro ou cheque nominal a Renato).

Tiragem: 2.000 exemplares.

Os textos assinados não necessariamente refletem a opinião do Coletivo Editorial do CELIP.

NOSSA MELHOR HOMENAGEM

Há pouco mais de 20 anos, tropas do exército brasileiro destruíram o último bastião da luta armada, na região do Araguaia. Numa maioria numérica absurda, os assassinos de verde oliva cercaram a área dando proteção ao pequeno grupo de pára-quedistas, que guiados por mateiros e auxiliados por jagunços, sufocou a guerrilha de inspiração maoísta, orientação do PC do B nos anos 60 e 70. O tiro de misericórdia foi em abril de 1974, quando caiu combatendo o gigantesco guerrilheiro negro Osvaldo Orlando da Costa, o Osvaldão do Araguaia.

Fruto de um trabalho cuidadoso, realizado por militantes bem preparados (o primeiro grupo havia sido selecionado por três anos, depois treinado na China e discretamente introduzido na área em 1967), a guerrilha do Araguaia foi o capítulo final da luta armada no Brasil. Mais de uma dezena de pequenas organizações, em sua maioria oriundas de rachas do antigo PCB, e com inspiração guevarista ou maoísta, tentaram derrubar a ditadura militar e fazer a revolução. O resultado todos conhecemos, e como militantes de esquerda também somos de certo modo herdeiros dessa história e desse processo.

Por sermos anarquistas, temos profunda divergência das concepções teóricas, motivações ideológicas e métodos da luta armada então empregados. Quanto à violência revolucionária, é um recurso legítimo e necessário, uma vez que o sistema é opressor e as classes dominantes não dão, nem jamais darão algo de graça. Ou seja, o que o povo precisa e é de direito, o próprio povo tem de tomar, através da luta e organização autogestionária - cabendo aos militantes anarquistas organizar e impulsionar este processo. Daí nossa discordância do foquismo/militarismo e também do maoísmo - pois não se faz revolução sem o povo organizado. De dogmas e abstrações estamos todos fartos.

Até agora nenhuma novidade. Esta é uma crítica posterior, vinda do anarquismo militante e organizado. A verdade também é que fora o Uruguai (FAU; OPR-33; ROE) e em pequena proporção o Chile (Lautaro), não tivemos organizações anarquistas participando ativamente do vendaval que abalou a América Latina após a revolução cubana. Por esse período, no Brasil, estávamos reduzidos a dois centros de cultura e nenhuma inserção social.

Hoje a história do anarquismo brasileiro, pouco a pouco, começa a mudar. Fruto até desta maturidade, estamos aprendendo a criticar respeitando, inclusive reivindicando algumas atitudes da geração

brasileira que se lançou na luta armada: a entrega, a generosidade, a disposição de luta, a fé na vontade deste povo de ser livre e tudo isso com a plenitude de espírito revolucionário, sacrificando, na maioria das vezes, a própria vida.

Por outro lado, cobre-nos de vergonha, ódio e indignação o que a maior parte dos ex-guerrilheiros, suas famílias e partidos fazem hoje. Renegam seu passado, fazem acordos e negociam com as forças armadas, filhos usando o nome dos pais para se promover, irmãos desrespeitando os próprios irmãos que caíram em combate e outras baixarias. Não foi à toa que esta mesma gente pediu anistia para os torturadores e hoje quer dinheiro pelos companheiros que morreram lutando. Quanto vale a vida de um militante? Por quanto esses safados querem vender suas almas?

E nessas horas que devemos perguntar: "O que é isso companheiro?" Mas aí, lembramos que não dá para chamar essa gentinha de "companheira". Nem por isso deixamos de ficar tristes e enojados com essas atitudes, mesmo porque sabemos que ainda existe muita gente dedicada e sincera nas bases da "suposta" esquerda.

Como militantes anarquistas, temos de estruturar organizações que ocupem o espaço político deixado pelos reformistas, hoje envergonhados de alguma vez já terem militado mais profundamente. Temos também de avançar nas conquistas e na inserção nos movimentos populares - sempre aprendendo com os erros do passado, tanto os nossos como os de outros grupos políticos.

Aprender e criticar não é pisar na memória de quem caiu lutando, e para estes nossa melhor homenagem é prosseguir a luta! Também hoje nos vemos no direito e no dever de escrever e gritar nossa homenagem aos *companheiros* que tombaram na Ação Libertadora Nacional (ALN), Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8, que nada tem a ver com a escória quercista), Vanguarda Armada Revolucionária (VAR), Movimento Revolucionário Tiradentes (MRT), Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), Ação Popular (AP, que depois se fundiu ao já citado PC do B, ambos então de linha maoísta) e demais organizações da época. Também gritar em homenagem à gente da fibra de Lamarca, Marighella, Juarez, Bacuri, Arruda, Osvaldão, Mário, Joaquim, Iara, Stuart, Sônia, Aurora e centenas de outros. Pelos/as *companheiros/as* que, à sua maneira, morreram lutando pelo socialismo e pela liberdade, temos de **Ousar Lutar, Ousar Vencer. Viva a Anarquia!**

Bruno

NOTÍCIAS LIBERTÁRIAS

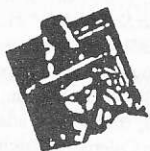
Falecimento - Mais uma tragédia se abateu sobre o nosso movimento. No início de janeiro, morreu vítima de afogamento, o jovem militante punk e anarquista Aílton "HC", do *Núcleo de Ação Direta de Aracaju* (NADA). Editor do zine *Humanismo*, organizador de muitos eventos libertários, um dos principais ativistas do Nordeste, lutador incansável pelo ideal e pelas crianças de rua. No dia 07/12/95, concluía sua última carta ao CELIP, conclamando-nos a "juntos construirmos uma maior harmonia entre os povos". Infelizmente, não mais será possível lutar por isso com você, Aílton, mas temos a certeza que todos/as os/as *companheiros/as* farão isso por você. Avante na luta, levando Aílton e outros/as os/as *companheiros/as* que já se foram nos nossos corações.

Correspondência - Aí está, pelo segundo ano, a número de cartas recebidas pelo CELIP. No ano de 1995, chegaram-nos 728 cartas, as quais procuramos responder todas. Os números por estado são os seguintes: SP (286); RJ (92); MG (78); PR (69); SC (37); BA (34); RS (33); DF (21); PE (18); GO (13); ES (10); SE (8); PA (7); RO (5); RN, MT e PB (4 cada); AM (3); MA e AL (1 cada).

Paraná - O grupo *Ação Coletiva*, de Foz do Iguaçu, pretende organizar até o final de ano um encontro nacional. O trabalho comunitário do grupo vem tendo bastante destaque na imprensa local e, já se planeja aumentar a tiragem do boletim *Ação Coletiva*, que atualmente é de 2.000 exemplares.

Em Londrina, o *companheiro* Luís Eduardo está divulgando a sua monografia pela UEL, *A Marginalidade da Cultura Underground*. Maiores informações, escrevam para CP 990; CEP 86001-970; Londrina, PR.

ENDEREÇOS LIBERTÁRIOS: LETRALIVRE CP 50083 CEP 20060-970 RIO/RJ • GRL CP 111843 CEP 28911-970 CABO FRIO/RJ • CCS/SP CP 2066 CEP 01060-970 S. PAULO/SP • ANA CP 78 CEP 11510-970 CUBATÃO/SP • ULMG CP 26 CEP 37410-970 TRÊS CORAÇÕES/MG • GRAVIDA CP 3395 CEP 82001-970 CURITIBA/PR • MLPL CP 1833 CEP 40001-970 SALVADOR/BA • APPL CP 053 CEP 40001-970 SALVADOR/BA • CCL CP 1206 CEP 66017-970 BELÉM/PA • AÇÃO COLETIVA CP 230 CEP 85851-970 FOZ DO IGUAÇU/PR • ULBS CP 2137 CEP 11051-970 SANTOS/SP • AFIM CP 2744 CEP 59022-970 NATAL/RN • COB CP 7597 CEP 01064-970 S. PAULO/SP • UNI-LIVRE CP 03668 CEP 70084-970 BRASÍLIA/DF



...AMORE MIO